

# Alterações

## Quatro ensaios sobre artes nestes tempos interessantes

Ciclo de conferências comissariado por António Pinto Ribeiro

© Pauliana Pimentel



**5 de Maio**

**A difusão como um horizonte de possibilidades**

António Pinto Ribeiro Ex-director artístico da Culturgest, programador e ensaísta

**12 de Maio**

**Experiência e insignificância**

Helena Buescu Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**19 de Maio**

**Determinação e sobre-determinação na proposta de Steven Holl para o Kiasma**

João Figueira Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

**26 de Maio**

**Trabalho manual e trabalho intelectual: precariedade, dignidade e reconhecimento social**

Luísa Veloso Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Nas cosmogonias mais tradicionais, bem como em muitas histórias sociais, os tempos anteriores apareciam sempre descritos e moldados por uma aura positiva - às vezes mesmo designados como de ouro - comparativamente aos tempos presentes. George Steiner numa análise cultural de enorme sofisticação provou o

contrário, em especial no que diz respeito ao confronto do século XIX com o século XX. O Editoralista Fareed Zakaria, por sua vez, numa análise fina mas sustentada em factos e números, afirma que o mundo nunca foi tão pacífico como na actualidade e nunca houve tanto progresso humano. E contudo, a percepção que temos do quotidiano ou a avaliação sistemática que as actuais obras de culto fazem do mundo actual tipificam-se num atlas de acontecimentos que se sucedem uns aos outros sem futuro e padecendo de amnésia colectiva. Será mesmo assim? Ou são os paradigmas em mutação que ainda não nos deixam ver e ler o que há para ver e ler? O que se passa em concreto nas práticas de cultura contemporânea, no urbanismo, na arquitectura, na literatura ou nas novas formas de empregabilidade como é o caso do trabalho invisível? O que se passa nos novos mundos?

António Pinto Ribeiro

**26 de Maio - Sala 2**

**Trabalho manual e trabalho intelectual: precariedade, dignidade e reconhecimento social**

Luísa Veloso Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

O presente ensaio como ponto de partida para a reflexão assume a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Questiona-se a separação entre quem pensa de quem executa o trabalho, a cabeça do corpo, o trabalho nobre do trabalho sujo, o intangível do tangível. Este mote permite discutir algumas das alterações que têm ocorrido nas sociedades contemporâneas nos "mundos do trabalho", enfatizando três grupos de profissionais: operários, profissionais das artes performativas e investigadores.

A opção prende-se com o facto de serem profissionais em cujo desempenho profissional a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual se coloca e merece uma reflexão. A comunhão de condições de trabalho precárias, com traços de continuidade e de alteração face ao passado, exige equacionar a estruturação dos mercados de trabalho, as condições visíveis e invisíveis do trabalho humano e o imperativo da "luta pelo reconhecimento" (Axel Honneth).

Luísa Veloso

Luísa Veloso é socióloga e investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES/ ISCTE-IUL). Foi docente no Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1991-2008). A sua principal área científica de investigação é a da Sociologia do Emprego, do Trabalho e das Organizações. De entre as suas publicações mais recentes encontra-se o livro *Aprendizagem e identificação: o espaço das empresas. Estudo sociológico num grupo empresarial português* (Afrontamento, 2009).

QUARTAS-FEIRAS 5, 12, 19, 26 DE MAIO DE 2010 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2